



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**ADAPTAÇÃO/INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS DIFICULDADES
ENFRENTADAS PELAS CRIANÇAS SOB O PONTO DE VISTA DOS PAIS**

SULAMIR JÊNICE DE FIGUEIRÊDO SANTOS

CAICÓ – RN
2016

SULAMIR JÊNICE DE FIGUEIRÊDO SANTOS

**ADAPTAÇÃO/INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS DIFICULDADES
ENFRENTADAS PELAS CRIANÇAS SOB O PONTO DE VISTA DOS PAIS**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia a Distância do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob orientação da professora Dra. Maria Cristina Leandro de Paiva.

FICHA CATALOGRÁFICA

**ADAPTAÇÃO/INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS DIFICULDADES
ENFRENTADAS PELAS CRIANÇAS SOB O PONTO DE VISTA DOS PAIS**

Por

SULAMIR JÊNICE DE FIGUEIRÊDO SANTOS

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia a Distância do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Maria Cristina Leandro de Paiva (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^a. Dra. Jacyene Melo de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^a. Dra. Letícia dos Santos Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ADAPTAÇÃO/INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS CRIANÇAS SOB O PONTO DE VISTA DOS PAIS

Silamir Jênice de Figueirêdo Santos¹
Maria Cristina Leandro de Paiva²

RESUMO

A finalidade deste artigo é tratar de uma experiência singular na vida das crianças: a adaptação na Educação Infantil, mais precisamente a que trata da inserção dos pequenos a esse universo educacional e que envolve a família, a instituição escolar e os educadores. Objetivando conhecer os fatores que dificultam a adaptação de crianças que são inseridas no ensino infantil, a partir de uma análise feita com alunos que frequentam as turmas Infantil I e II da Creche Ana de Moraes Roma, situada no município Juazeirinho, no estado da Paraíba e apontar sugestões que otimizem o processo de adaptação dos pequenos nesse espaço. Para a construção dessa pesquisa, utilizamos como principais referenciais teóricos Rapoport (2005), Bloom-Feshbach e Gauhram (1980), Rosseti-Ferreira (2003), Cury (1999), DCNEI (BRASIL, 2009). A metodologia utilizada na realização deste trabalho é a qualitativa. Onde foi empregada a Pesquisa de Campo, o Estudo de Caso e complementada pela pesquisa bibliográfica. A partir das falas dos responsáveis pelas crianças foi possível identificar que as dificuldades enfrentadas originaram-se de fatores externos e internos, variando de criança para criança.

Palavras-chave: Adaptação, Educação Infantil, dificuldades.

¹ Graduada em Licenciatura no curso de História pela UFRN (modalidade presencial), graduanda em Pedagogia pela UFRN (modalidade a distancia) – sulamirjenice@hotmail.com

² Professora efetiva da UFRN, coordenadora do Curso Pedagogia, modalidade a distância

1. INTRODUÇÃO

A finalidade deste artigo é tratar de uma experiência singular na vida das crianças: a adaptação na Educação Infantil, mais precisamente a que trata da inserção dos pequenos a esse universo educacional e que envolve a família, a instituição escolar e os educadores. Uma problemática que está presente não só na rede pública, como também na privada e que implica no bom desenvolvimento da criança.

A ansiedade sobre o tema adaptação nasceu da experiência particular, vivenciada enquanto mãe, que trabalha oito horas diárias e necessitava matricular o filho com dois anos recém-completos, na creche municipal de uma cidade diferente da Unidade Federativa que antes residíamos. Partindo do olhar materno, foi possível conhecer o lado familiar que faceta o processo de adaptação, que toda criança participa ao adentrar o universo escolar, ao vivenciar o drama de ver seu filho rejeitar a creche e o mundo novo que lhe é oferecido, vendo-o mudar seu comportamento em casa e por longos meses percebê-lo reticente à nova rotina.

No ano seguinte, houve a oportunidade de exercer a função de Agente Educativo (espécie de monitora e auxiliar de professor) na creche em que a criança estava matriculada. Nesse momento foi apresentada outra face do processo: a pedagógica – a protagonizada por educadores e escola.

Ao somar esses dois prismas da questão, é que se amplia a visão acerca das necessidades que perpassam esse momento singular e decisivo que envolve as crianças, a família e a escola. Com isso, percebe-se que o tempo atribuído à entrada da criança no ensino infantil, caracterizado pela adaptação ao novo, seja espaço, sejam pessoas, seja rotina, sejam regras, merece atenção, planejamento e dedicação. Sua duração é variável e está relacionada a uma série de fatores.

Diante do exposto, é que surgiu o interesse em fazer uma pesquisa, enquanto Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, modalidade a distância, da Universidade Federal do Rio Grande Norte, objetivando conhecer os fatores que dificultam a adaptação de crianças que são inseridas no ensino infantil, a partir de uma análise feita com alunos que frequentam as turmas Infantil I e II da Creche Ana de Moraes Roma, e apontar sugestões que otimizem o processo de adaptação dos pequenos nesse espaço.

A metodologia utilizada na realização deste trabalho é a qualitativa, onde foi empregada a Pesquisa de Campo, por se tratar do local onde trabalho. As palavras da autora Gonsalves (2001) nos elucidam:

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. (GONSALVES, 2001)

Esse buscar as informações no espaço onde o fenômeno ocorre, também permite usar o Estudo de Caso para melhor atingir o objetivo dessa investigação. Em sua obra “Estudo de Caso: Planejamentos e Métodos”, Robert K. Yin (2015) nos esclarece que a pesquisa de estudo de caso é o método preferencial em comparação aos outros em situações nas quais as principais questões da pesquisa são ‘como?’ ou ‘por quê?’.

A esse respeito, Yin (2015, p. 02) nos diz que o estudo de caso “investiga um fenômeno contemporâneo (o ‘caso’) em seu contexto no mundo real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto puderem não estar claramente evidentes”. Apesar de ser considerada classicamente uma forma de pesquisa “leve”, o estudo de caso torna a pesquisa complexa, pois sua forma apropriada significa “ter em vista cinco preocupações tradicionais – conduzir a pesquisa de forma rigorosa, evitar confusões com casos de ensino, saber como chegar a conclusões generalizadas quando desejado, gerir cuidadosamente o nível de esforço e compreender a vantagem comparativa” (YIN, 2015, p. 02).

Para complementar nosso estudo, também foi empregada a pesquisa bibliográfica que segundo Moreira e Caleffe (2008, p.74) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Os autores também destacam que o principal objetivo da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi produzido na área em questão. Além disso, esse tipo de pesquisa exige que o pesquisador tenha uma reflexão crítica em relação aos textos consultados e incluídos na pesquisa: “a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação” (MOREIRA e CALEFFE, 2008, p. 73).

Para Minayo (1988), essa abordagem:

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis. (MINAYO, 1998, p. 21)

Portanto, partindo desse cunho qualitativo, contamos com ferramentas tais como: observação feita durante todo o ano letivo (enquanto educadora que faz parte do quadro de funcionários da referida instituição) do espaço físico, da rotina que gere dinâmica da creche, bem como a interação entre crianças e educadores, e entrevistas semiestruturadas realizadas com as mães ou responsáveis pelas crianças. Barbetta (1994) nos esclarece acerca dessa última ferramenta:

Numa entrevista o entrevistado responde verbalmente as perguntas do entrevistador e este transcreve para a sua ficha. Nesta situação o entrevistador pode ou não interferir sob a forma de esclarecimento de algum, item, ou anotando algum aspecto que julgar relevante mas nunca influenciando na resposta do entrevistado (BARBETTA, 1994)

Dessa maneira, procuramos compreender a realidade que permeia o cotidiano das crianças que estão se adaptando e sendo inseridas na rotina da creche, lócus da pesquisa; entrevistando suas mães ou responsáveis, para conhecer sua visão enquanto família, parte integrante do processo de adaptação. Pois, segundo o autor supracitado, para que haja uma maior compreensão dos fatos, é necessário notar comportamentos e vivências de sujeitos inseridos em uma dada realidade.

O artigo ora apresentado está dividido em quatro itens, sendo o primeiro a introdução; o segundo aborda o processo de adaptação/inserção na Educação infantil; o terceiro versará sobre o lócus da pesquisa, sobre a análise de dados colhidos durante as entrevistas e a observação; o quarto tratará sobre as considerações finais.

2. UM BREVE OLHAR SOBRE O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO/INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andrea Rapoport (2005) em seu livro sobre “Adaptação de bebês em creche” traz vários autores que conceituam a adaptação, entre eles encontramos Bloom-Feshbach e Gaughram (1980) que considera que essa ocorre desde o momento do ingresso do bebê na creche, até o final do primeiro mês. Já para Fein (1995), nesse mesmo livro, esse período se estende entre três e seis meses após o ingresso dos bebês no novo ambiente. Rapoport

(2005) afirma que o processo de adaptação tem seu tempo determinado por inúmeros fatores, podendo variar amplamente de caso para caso.

Já para Balaban (1988) e Rêgo (1995) o processo de adaptação ocorre de acordo com as vivências e características de cada criança e a forma como ela reage com o encontro de um novo ambiente e de novas pessoas, conseqüentemente é singular para cada criança.

Diante de tais afirmações, concluímos que inserir a criança na creche a faz passar por um processo contínuo, de transformação, de aceitação do novo, das novas informações, da nova rotina, das novas pessoas envolvidas no novo cenário. Muitas vezes, depois de adaptado, mesmo que por um longo período, fatores externos ou do próprio desenvolvimento do bebê podem levar o processo a recomeçar. Apesar disso, a maioria das instituições de ensino infantil não dá a importância devida à adaptação e inserção das crianças na creche ou pré-escola.

Rosseti-Ferreira (2003) , nos faz ver esse processo sob um ponto de vista mais amplo quando engloba a família e a creche:

Porém se engana quem acha que só a criança enfrenta mudanças na entrada da creche. Sua reação pode ser a mais evidente. Mas a família também sofre nesse processo. As mudanças não ocorrem só na rotina da família, que tem de encaixar os horários da creche no seu dia-a-dia. Muda também a forma de encarar a educação e o cuidado de sua criança.

A creche também muda ao oferecer seu serviço à família. Ela recebe mais do que novas pessoas. Recebe a cultura, o hábito, a história delas. Todos acabam mudando. Esse complicado processo de mudanças tem suas vantagens e desvantagens. (ROSSETI-FERREIRA, 2003, p.48)

A escola tem papel fundamental na adaptação dessas crianças, não apenas de acolher e guardá-las. Stela Regina Brandão Cury (1999) ainda nos esclarece:

A função da escola da educação infantil é, entre outras, proporcionar esse espaço de aprendizagem significativa, subsidiada pelo trabalho de educadores atentos aos movimentos desse processo, o primeiro passo é trabalhar a separação entre pais e filhos, que geralmente está acontecendo pela primeira vez. É o momento da entrada da criança no mundo social mais amplo representado pela escola e cabe à mesma conduzir, orientar esse momento tão importante o de adaptação das crianças e pais à nova situação, lembrando que uma separação bem elaborada constitui-se em uma “marca” que favorecerá tantas outras que fazem parte da vida (CURY, 1999, 86)

Vemos a partir dessa autora, a importância da escola enquanto espaço fornecedor da aprendizagem significativa e também no papel de mediador no processo de separação entre pais e filhos. Pois para ambos, há uma transição que merece ser trabalhada e vivida, de

maneira que esse processo seja acompanhado e planejado pedagogicamente pela gestão, coordenação, professores e demais funcionários envolvidos.

Rêgo considera o ingresso da criança à escola,

A primeira grande separação da criança que, provavelmente influenciará a atitude futura dela em relação à escola e a outras separações, que com certeza vivenciará. A boa qualidade dessa primeira experiência contribuirá para que situações semelhantes sejam encaradas de forma positiva. (RÊGO, 1995. P. 39)

O ingressar de uma criança na escola significa se separar pela primeira vez do ambiente familiar, marca o início de um processo rico e contínuo: o progressivo crescimento da criança como um indivíduo autônomo. Esse momento, comumente denominado como “adaptação”, implica novas posturas dos pais, conquistas para as crianças e um atento trabalho pedagógico dos educadores. Por falar em educadores, não podemos deixar de considerar que eles também passam por transformações: mobilizam-se em prol da adaptação dos pequenos, fazem mudanças seja no espaço físico, na rotina ou nas relações entre as pessoas.

A relevância da parceria estabelecida entre todos os envolvidos é mostrada ainda por Rosseti-Ferreira quando relata que:

É importante, nessa fase, que todos, pais e educadores, possam compreender e respeitar o momento da criança de conhecer o novo ambiente e estabelecer novas relações. À medida que ela vai se integrando, podem ser percebidas as influências positivas de sua permanência em uma creche que oferece boas condições para seu desenvolvimento. (ROSSETI-FERREIRA, 2003, p.50)

As palavras do autor vão ao encontro com o diz o volume introdutório do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil – RCNEI, BRASIL (1998, p.80) que afirma que: “Antes de tudo, é preciso estabelecer uma relação de confiança com as famílias, deixando claro que o objetivo é a parceria de cuidados e educação visando ao bem – estar da criança”.

Para que esse fato ganhe a devida atenção e compreensão de todos os envolvidos, é necessário ter consciência de que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, assim definida no artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei 9.394/96), tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Isso nos faz perceber a importância e a responsabilidade

que a mesma possui na formação do indivíduo que inicia sua vida escolar, que deve vivenciar um bom momento de adaptação.

Os locais destinados a essa modalidade de ensino, estão definidos no documento Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009), onde constam creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Cury (1999) nos diz que os primeiros 6 anos de vida de uma criança constituem-se a fase de estruturação mental da mesma. Lembrando-nos que é nessa fase que são construídos os primeiros vínculos que serão modelos para vínculos posteriores, além das regras e valores morais que vão nortear a postura dessa “criança-cidadã” frente ao mundo. É nesse período que se encontra a gênese dos valores morais, para a construção do cidadão autônomo, crítico e consciente com relação à ética, a história e a sua cultura, bem como sua estruturação afetiva e sentimental. Daí percebe-se a necessidade de envolver a todos nesse processo de inserção: família, escola, educadores e crianças. Para que o processo possa influenciar no desenvolvimento pleno e saudável da criança.

3. LÓCUS DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

3.1. LÓCUS DA PESQUISA

Para atingirmos os objetivos traçados, escolhemos para o *lócus* da pesquisa a Creche Municipal Ana de Moraes Roma, no município de Juazeirinho, estado da Paraíba. Local onde a autora desse artigo desempenha a função de agente educativo, auxiliando a professoras das turmas Infantil I e II nos cuidados, brincadeiras e atividades pedagógicas, desenvolvidas com os pequenos, de ambas as turmas que dividem o mesmo ambiente destinado a sala de aula, ou seja, duas turmas dividindo o espaço que antes era destinado ao refeitório.

Ao analisarmos o espaço, percebemos que se trata de um prédio improvisado para o Ensino Infantil, pois se trata de uma casa, onde as dependências foram mal divididas. Descrevemos assim: 01 secretaria, 01 rouparia, 01 banheiro para as crianças, 01 banheiro para os funcionários, 01 cozinha, 01 dormitório, 01 sala de aula, 01 rol de entrada (que está servindo como sala de aula), 01 refeitório (que está servindo como sala de aula), 01 lavanderia, 01 almoxarifado, 01 muro para estender roupas.

Trata-se de uma instituição de tempo integral, ou seja, as crianças chegam às 07 horas da manhã e voltam para seus lares a partir das 16 horas e 30 minutos da tarde. No total, existem 66 crianças frequentando a creche, divididas em quatro turmas: Infantil I, II, III e IV. Sob os cuidados pedagógicos de 3 professoras e suas auxiliares, uma coordenadora pedagógica, duas secretárias e uma diretora.

Tendo em vista que nosso objeto de pesquisa são as dificuldades existentes no processo de adaptação vivenciado pelas crianças das turmas Infantil I e II da creche supracitada, foi feita observação e análise do espaço físico, bem como das formas de socialização contidas na realidade e na dinâmica que rege a rotina e o cotidiano dos pequenos.

Cada turma possui uma professora e auxiliares (monitoras ou agentes educativas) no período matutino, porém no vespertino só há duas auxiliares. No entanto, as turmas Infantil I e II dividem além da mesma sala de aula, também dividem a mesma professora e o mesmo número de auxiliares. A primeira possui crianças na faixa etária entre um ano e seis meses a dois. Tendo 32 crianças matriculadas, 17 desistentes e apenas 15 ativos. A segunda possui 15 matriculadas, 3 desistentes e 12 ativos.

Algo que merece destaque é o fato da creche não possuir Projeto Político Pedagógico, nem Regimento Interno. A esse respeito Frison (2008, p. 169) nos mostra que “a escola é um espaço de trocas e de construções coletivas definidas na filosofia, nos princípios educativos implícitos no projeto político assumido pela equipe”. Em sendo assim, não havendo esse documento norteador a instituição não tem um perfil traçado da sua comunidade escolar, não possui uma identidade com propósitos, objetivos e metas traçadas, deixando também de ter um currículo orientado e isso implica na prática pedagógica.

Por estar no *lócus* da pesquisa, enquanto educadora, pude observar os casos de cada criança que a mãe ou a responsável foi entrevistada e, conseqüentemente, pude dividir o mesmo espaço físico com elas, no caso, as crianças. É necessário levar em consideração a influência do espaço físico sobre esse processo de adaptação. A esse respeito, Frison (2008) ratifica essa ideia ao ver no meio físico fator determinante para estimular e motivar as aprendizagens, onde as crianças brincam e interagem de forma criativa e desafiadora, sendo essas trocas realizadas entre elas essenciais para seu desenvolvimento, oportunizando possibilidades de aprendizagem.

Podemos classificar como inapropriado o espaço da creche em questão, levando em consideração os Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil³:

Reconhece-se a criança como *sujeito* do processo educacional e como principal usuário do ambiente educacional. Por isso, é necessário identificar parâmetros essenciais de ambientes físicos que ofereçam condições compatíveis com os requisitos definidos pelo PNE, bem como com os conceitos de sustentabilidade, acessibilidade universal e com a proposta pedagógica. Assim, a reflexão sobre as necessidades de desenvolvimento da criança (físico, psicológico, intelectual e social) constitui-se em requisito essencial para a formulação dos espaços/lugares destinados à Educação Infantil. (2006, p. 21).

Nesses parâmetros encontramos exigências que adequam o espaço às necessidades das crianças, visando à qualidade do processo de ensino e aprendizagem, bem como o seu completo desenvolvimento. No entanto, ao nos depararmos com salas de aulas improvisadas, sem áreas de recreação, sem banheiros adaptados aos tamanhos das crianças, sem pátio, sem ambientes lúdicos e sem brinquedos próprios da instituição verificamos o quanto a Creche Ana de Moraes Roma foge do indicado:

- A valorização dos espaços de recreação e vivência vai incrementar a interação das crianças, a partir do desenvolvimento de jogos, brincadeiras e atividades coletivas, além de propiciar uma leitura do mundo com base no conhecimento do meio ambiente imediato. O próprio reconhecimento da criança de seu corpo (suas proporções, possibilidades e movimento) poderá ser refinado pela relação com o mundo exterior [...]
- A criança deve cada vez mais apropriar-se do ambiente. As áreas de brincadeira deverão oferecer segurança, sem serem limitadoras das possibilidades de exploração do universo infantil.
- É importante planejar a inclusão de brinquedos para diferentes faixas etárias, brinquedos que estimulem diferentes usos e atividades. (BRASIL, 2006. p. 27)

Assim, a adaptação dos pequenos também recebe a influência desse espaço físico. Pois ao saírem dos seus lares, primeiro local onde há interação social, deparam-se com um ambiente diferente. Quando as diferenças contidas ali não proporcionam conforto, segurança, acolhimento, comodidade associados ao lúdico e ao pedagógico, deixa a desejar na sua contribuição e pode interferir nessa fase de adaptação.

Percebemos também a falta de uma ação pedagógica direcionada pela coordenação da creche para esse aspecto. A ausência do Projeto Político Pedagógico demonstra isso. A

³ Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil. Brasília : MEC, SEB, 2006.

não preocupação em passar segurança aos pais/responsáveis demonstrada pela omissão da apresentação das dependências físicas, a falta de uma conversa com a família sobre a nova rotina que será vivida pela criança, bem como um acompanhamento pedagógico mais aprofundado para cada caso poderia ter sido feito.

3.2. ANÁLISE DE DADOS

Como já foi dito, o processo de adaptação também envolve a família, principalmente os pais e pode refletir no comportamento das crianças em seus lares. Visando conhecer o ponto de vista dos pais dessas crianças que não se adaptaram ou estão em processo de adaptação no lócus da pesquisa, realizamos entrevistas com os responsáveis por sete crianças das turmas Infantil I e II da Creche Ana de Moraes Roma.

Partindo para a análise dos dados das entrevistas, consideramos que houve dificuldade em realizá-las, pois as mães/responsáveis demonstraram receio em participar da pesquisa, alegando que seriam cortadas do programa do governo federal Bolsa Família, pelo fato dos seus filhos não estarem indo para aula. Assim, esperávamos um número maior de envolvidos. Apesar disso, foi possível alcançar o objetivo que era identificar as possíveis causas que dificultaram a adaptação das crianças que estão sendo inseridas na educação infantil.

O perfil das sete entrevistadas pode ser traçado como mães que necessitaram da creche para conciliar melhor rotina de trabalho ou que visavam o desenvolvimento dos pequenos através da socialização e cuidados ofertados pelo ensino infantil.

Seguindo um roteiro de perguntas, a entrevista foi realizada com seis mães e uma avó materna que se tornou responsável por seu neto. Desse total, apenas duas crianças ainda frequentam a instituição. As outras cinco tiveram suas matrículas canceladas pelos próprios responsáveis e não estão frequentando qualquer outra instituição de educação infantil.

Vamos iniciar falando sobre os motivos que levaram a família a chegar à conclusão que as respectivas crianças precisavam frequentar uma creche. Do total de 07 entrevistadas, 03 afirmaram ser movidas pela necessidade de trabalhar; 03 visaram a socialização da criança e 01 mãe, por estar grávida, buscou o auxílio para cuidar dos filhos.

Percebemos que a socialização com outras crianças e a necessidade da mãe trabalhar são os motivos que mais levam os pais a confiarem seus filhos à creche. Mas não podemos deixar de ver que o caráter assistencialista ainda permeia as escolhas das famílias que

buscam além da oferta da educação, os cuidados que o ensino infantil oferece e que muitas vezes não encontram em suas condições financeiras, como nos relatos abaixo:

Entrevistada 2: *“Porque tenho necessidade de trabalhar e minha mãe já está com idade avançada para cuidar.”*

Entrevistada 4: *“Porque eu estava grávida e precisava que ela se acostumassem em outro ambiente, com outras pessoas que pudessem me ajudar a cuidar dela, já que mais um bebê estava para chegar e eu não moro com os pais delas.”*

Diferente das respostas anteriores, a entrevistada 7, percebe a importância do atendimento educacional a criança quando diz:

Entrevistada 7: *“Por que eu queria que convivesse com outras crianças e desenvolvesse mais.”*

Outro dado relevante é a escolha da creche: motivos elencados pela família para discernir sobre qual seria a melhor instituição de ensino infantil que seu filho (a) deveria frequentar. O fator mais importante que prevaleceu entre nossas entrevistadas para terem escolhido o primeiro local que irá acolher seu filho, na primeira etapa da Educação básica, é a proximidade de suas residências, esse motivo foi apresentado por 04 entrevistadas. Em segundo lugar, é a existência de outras crianças da família na creche, argumentado por 02 entrevistadas e por último conhecer os profissionais que fazem parte da instituição, revelado por 01 entrevistada.

Isso significa que os critérios que influenciam a opção das mães/responsáveis pela creche que suas crianças irão frequentar não visam qualidade do trabalho oferecido, ou possuir instalações seguras e confiáveis. Prevalecendo a localização próxima ao domicílio familiar.

Durante a entrevista também verificamos que se tratava da primeira vez dessas crianças em um espaço educativo e que, somente no caso em que a mãe possuía outros filhos matriculados nessa mesma instituição, havia conhecimento prévio e contato com o espaço físico que passaria a ser o novo ambiente dos pequenos. Todos os outros primeiros contatos das entrevistadas com o ambiente interno da creche só aconteceu no dia da matrícula. Foi possível perceber que não houve a preocupação da coordenação pedagógica em apresentar as salas e as demais dependências no ato da matrícula: cinco das sete mães só conheciam até a sala que seu filho (a) frequentava.

Outro ponto importante que merece ser citado é que das sete crianças apenas uma foi matriculada no início do ano letivo, as outras foram inseridas no final do primeiro semestre

ou na metade do segundo. Na média, os pequenos contavam com 1 ano e meio a 2 no ato da matrícula. Ao questionarmos às entrevistadas se nos primeiros dias de aula dos seus pequenos, foi permitida a presença delas ou de outro parente na instituição, todas elas afirmaram que não. Se dirigiam até a sala das crianças, as quais sempre eram acolhidas pela professora ou por suas auxiliares e que o comportamento apresentado por elas, era em sua maioria de choro e rejeição. Interessante que apenas uma criança apresentou choro após algumas semanas, quando o processo de adaptação aparentava ter sido consolidado. Todavia, por algum motivo a menina que entrava na creche contente e disposta a ficar, passa a não querer mais frequentar a instituição.

Os dados da entrevista mostram que o choro é o principal comportamento da criança ao chegar na creche, como pode ser visto no gráfico seguinte:

Gráfico 1 – Comportamento das crianças ao chegarem na creche



Fonte: a autora (2016)

O choro dos pequenos vem acompanhado pela negação ao entrar na sala, birra e em alguns casos demonstração de violência, com móveis sendo empurrados e pontapés que atingem as educadoras.

Durante os primeiros dias, o horário de permanência dessas crianças recém matriculadas na creche ficou a critério da mãe, seja no início do ano ou no meio do ano

letivo. Das entrevistadas, 4 sempre deixaram o horário integral e 3 optaram por deixarem somente no período da manhã.

Ao questionarmos se durante esse período seus pequenos apresentaram novos comportamentos em casa, todas responderam que sim. Exceto duas, pois uma não notou e a outra considerou que a única mudança foi no tocante a saúde de seu filho, pois passou a adoecer constantemente. Vejamos as falas:

Entrevistada 1: *“Sim, se tornou uma criança mais independente pra falar, pra comer, pra pedir as coisas.”*

Entrevistada 2: *“não notei.”*

Entrevistada 3: *“quando ia pra creche voltava uma criança com medo, tinha diarreia, enjoado, irritado.”*

Entrevistada 4: *“ela passou a morder, estirar a língua em casa, bater. Ficou violenta em casa.”*

Entrevistada 5: *“ficou uma criança medrosa, chorona.”*

Entrevistada 6: *“não houve mudança no comportamento, apenas achei que ele adoeceu com mais frequência.”*

Entrevistada 7: *“ele vivia estressado, irritado, chorava mais, não me deixava sair de perto dele. Mais violento ainda.”*

A fala das entrevistadas nos revelam detalhes importantes. A **Entrevistada 1** nos fala do desenvolvimento da linguagem do seu filho. A **Entrevistada 3** relata uma alteração de comportamento com alterações fisiológicas, como por exemplo, a diarreia. Já a Entrevista 4 descreve hábitos que sua criança não possuía, possivelmente advindos de contatos com crianças que tinham essas atitudes e ela copiou. O choro acentuado das crianças das **Entrevistadas 5 e 7**, demonstram sinais dignos de preocupação.

Um dado importante que merece ser citado, é referente a frequência dessas crianças nesse período de adaptação. Das sete entrevistadas, apenas duas afirmaram levá-los todos os dias para creche, as outras optaram por levar esporadicamente, devido o novo comportamento apresentado em casa, ou por sempre estar doente.

Ao questionarmos se os pequenos ainda frequentavam a creche e quais os motivos que levaram as mães a não levá-los mais, encontramos os seguintes dados: as **Entrevistadas 1 e 2** ainda levam os pequenos; a **Entrevistada 3** saiu do emprego e não gostou do novo comportamento do filho, optando assim por cancelar a matrícula; a **Entrevistada 4** é a mãe que estava grávida, nos relata que ao nascer o novo bebê,

necessitou deixar a criança que frequentava a creche sob os cuidados da irmã (sua tia) e foi morar na capital do estado apenas com a recém-nascida. A nova responsável mora na zona rural e encontrou dificuldades em levar e trazer a criança que por sua vez, demonstrou estar violenta e insatisfeita na creche, optando assim por deixá-la em casa. É possível que o novo comportamento dessa criança se dê pelo fato da mãe estar grávida e não consequência da creche. A **Entrevistada 5** esclareceu que durante o período que sua filha estava na creche, a mesma se negava a se alimentar, perdeu peso e ficou muito chorona. A **Entrevistada 6** respondeu que seu pequeno passou a ficar sempre doente e, por fim, a **Entrevistada 7** nos disse que por seu filho ter ficado com um comportamento que ela não esperava, decidiu que ele não iria mais no momento.

Os responsáveis pelas crianças citadas na entrevista que deixaram de frequentar a Creche Ana de Moraes, não buscaram outra instituição de ensino infantil. Perguntamos também durante a sabatina, quantos dias essas crianças frequentaram a creche. As respostas foram bem parecidas: duas ainda frequentam; uma frequentou cerca de 4 meses; as outras 4 se demoraram apenas aproximadamente um mês. Durante esse período nenhuma das entrevistadas buscaram a coordenação pedagógica da instituição infantil, apenas a **Entrevistada 4** e **5** afirmaram ter conversado sobre o assunto com a monitora que trazia a criança na hora da saída, ou por via rede social:

Entrevistada 4: *“a monitora me dizia que achava que era devido o nascimento da irmã, porque ela com o tempo estava se mostrando agressiva na creche com os coleguinhas e menos carinhosa com as meninas que cuidavam dela.”*

Entrevistada 5: *“ela sempre me dizia pra ter paciência e persistir que ela se acostumar.”*

Quando questionamos quais foram as principais dificuldade enfrentadas pelas crianças no ponto de vista das entrevistadas, encontramos respostas variadas: costume de conviver apenas com os familiares em casa – foi apresentado por duas; acreditar que a criança não estava sendo bem cuidada – foi argumentado por outra; a mudança de residência, o nascimento da irmã mais nova, o afastamento da mãe – foram as dificuldades da mãe que estava grávida; por ainda mamar e só pensar no peito, sem querer se alimentar na creche – foi o motivo que moveu uma das mães; ficar sempre doente devido o contato com as outras crianças – justificou uma das entrevistadas; e por último, a mãe que não soube dizer ao certo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos nesse artigo visavam, *à priori*, identificar quais são as principais dificuldades enfrentadas no processo de adaptação vivenciado por alunos das turmas Infantil I e II da Creche Municipal Ana de Moraes, situada no município Juazeirinho, no estado da Paraíba. A metodologia utilizada nessa investigação foi a qualitativa, sendo empregada a Pesquisa de Campo por se tratar do local a autora trabalha. Além de ser auxiliada pelo Estudo de caso, o qual serviu para investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto no mundo real, fazendo uso também de ferramentas bibliográficas, observação e entrevistas semiestruturadas com as mães ou responsáveis de crianças nessa fase, que frequentam ou frequentaram a creche. Atingindo esse fim, o segundo passo é propor sugestões que possam otimizar a adaptação dos pequenos nessa instituição de ensino infantil.

A partir das falas dos responsáveis pelas crianças foi possível identificar que as dificuldades enfrentadas originaram-se de fatores externos e internos, variando de criança para criança. Constatamos situações em que os pequenos são acostumados em casa, apenas com os familiares, que por sua vez sentem insegurança em relação aos cuidados dispensados pelos profissionais aos seus filhos. Ressalta-se que, apesar da hesitação, não buscaram soluções junto à coordenação pedagógica e/ou as professoras para o enfrentamento da questão. Outras crianças vivenciaram episódios traumáticos na família, como mudança de residência, o nascimento da irmã mais nova, o afastamento da mãe, refletindo num novo comportamento e gerando a não aceitação da creche. Outro ponto citado foi a dependência que a amamentação causa nos pequenos, pois o vínculo com o peito, em alguns casos, causa transtorno, haja vista a mudanças nos hábitos alimentares, sendo que a creche não apresenta um cardápio diversificado para situações como essas. Por último, o argumento da mãe que afirmou que seu filho passou a ficar sempre doente devido o contato com as outras crianças. Isso se dá, talvez, pelo contato com crianças doentes, ou por falta de higiene nos objetos pessoais, ou por estar psicologicamente fragilizado, enfraquecendo seu mecanismo imunológico.

Diante do exposto, sugere-se que é importante propor um período de adaptação que garanta aos pais/responsáveis e crianças mais segurança, através do conhecimento prévio do espaço físico e da equipe de educadores que irão trabalhar na creche com suas crianças. Oferecendo também um acompanhamento pedagógico, se possível psicológico, para todos os envolvidos no processo, inclusive educadoras, uma vez que todos estão implicados na

situação, vivenciando mudanças e têm durante esse processo simples, sentimentos ambíguos e profundos despertados.

Ações durante a matrícula também podem facilitar a adaptação das crianças que estão sendo inseridas nesse universo escolar: entrevista com os pais/responsáveis lhes sondando as expectativas e os motivos que os fazem buscar a creche, além do registro acerca das características da criança – como é e quem faz parte do seu convívio domiciliar, o que gosta de fazer, de comer, de brincar; realização de reuniões coletivas informando sobre a dinâmica da rotina, como eles devem se comportar perante os filhos para que possam passar-lhe mais segurança nessa nova fase; orientação as educadoras para um acompanhamento pedagógico individual com cada criança, relatando a evolução do processo de adaptação, demonstrada por cada um; otimização do ambiente da sala de aula de maneira que acolha e chame a atenção dos pequenos, despertando neles a vontade e o interesse de ficar e interagir com os colegas; flexibilização de horários de chegada e saída; adequação do planejamento com o objetivo de socialização e criação de vínculos; dentre outros.

O respectivo artigo, apesar de ter tido uma creche específica como lócus de pesquisa, também diz respeito as demais instituições de ensino voltadas para a educação infantil, ao elucidar sobre o processo de adaptação/inserção vividos em todos eles por família/criança/educadores, daí a sua importância.

Particularmente, esse trabalho tem grande significado para minha formação acadêmica, pessoal enquanto mãe e profissional enquanto educadora do ensino infantil. Conhecer um pouco da realidade dessas crianças, do relato de suas famílias, do comportamentos delas em casa, dos sentimentos e inseguranças de suas mães, me fez ver o quanto pode ser melhorado e oferecido no tocante à adaptação.

Essa pesquisa pode ser continuada com o olhar voltado para os educadores: a prática pedagógica que se empenha em momentos como esses; a atuação da coordenação pedagógica enquanto mediadora desse processo que envolve família/educadores/crianças. Enfim, trata-se de um assunto rico em discussões e possibilidades.

5. REFERÊNCIAS

BARBETA, Pedro Alberto. Estatística Aplicada às Ciências Sociais. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil/Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF. 1998. VOL. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2006.

CURY, Stela Regina Brandão. Adaptação: Olhando a criança ao olhar seus pais. In: DAVINI, Juliana. Freire; Madalena (Org.): Adaptação – pais, educadores e crianças enfrentando mudanças. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1999.

DAVINI, Juliana; Freire, Madalena (Org). Adaptação – pais, educadores e crianças enfrentando mudanças. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1999.

Gonsalves, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. O espaço e o tempo na Educação Infantil. Ciênc. Let. Porto Alegre, n. 43, p. 169-180, jan./jun. 2008
Disponível em: <<http://fava.com.br/cienciaseletras>>

MINAYO, Maria Cecília de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 9-29.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

RAPOPORT, Andrea. Adaptação de bebês à Creche: a importância da atenção de pais e educadores. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RÊGO, Maria Carmem F. D. Recortes e Relatos: a criança de 2 e 3 anos no espaço escolar. Dissertação de Mestrado. UFRN. Natal, 1995.

ROSSETIR-FERREIRA e outros (org.) Os fazeres na educação infantil. São Paulo: Cortez, 2003.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamentos e Métodos. São Paulo: Bookman Editora Ltda, 2015.

ANEXOS

Roteiro de perguntas para a entrevista com os pais (ou responsável) das crianças que não se adaptaram à creche

1. Qual a razão que moveu os pais (ou responsável) a matricular a criança na creche?
2. Qual a idade da criança quando foi matriculada?
3. Qual o motivo levou a mãe (ou responsável) a escolher essa creche?
4. É a primeira da criança em um espaço coletivo?
5. Quando e qual foi o primeiro contato com a creche?
6. A mãe (ou o responsável) conheceu as dependências da instituição? Se sim, quem as apresentou?
7. Como foram os primeiros dias da criança na creche:
 - 7.1. Quem acolhia a criança?
 - 7.2. Como a criança se comportava ao chegar à creche?
 - 7.3. Foi permitida a permanência dos pais (ou responsável) na creche?
 - 7.4. Como a criança se comportava diante da despedida dos pais (ou responsável)?
 - 7.5. Quanto tempo a criança permaneceu na creche nos primeiros dias?
 - 7.6. Ao ir buscar a criança quem a entregava?
 - 7.7. Qual era seu comportamento ao receber a criança (perguntava como era seu dia, se comeu, se dormiu, seu comportamento...)
 - 7.8. Foi notada em casa alguma mudança de comportamento da criança nesses primeiros dias?
8. A criança ainda frequenta a creche?
() sim () não
9. Como era sua frequência:
() ia todos os dias;
() esporadicamente;
() _____
10. Qual o motivo dela não frequentar mais essa creche?
11. Quem optou pela decisão da criança não mais frequentar a creche?
12. Quantos dias a criança permaneceu na repartição?
13. Durante esse período os pais (ou responsável) buscou a coordenação da creche para buscar solução?
14. Se sim, quais as soluções apresentadas?
15. Atualmente a criança frequenta outra repartição?
16. Alguma informação a acrescentar?